

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas em que foram divulgadas.)

69. UMA RUA CHAMADA ZALUAR

Bem que ela poderia chamar-se assim: simplesmente **Rua Zaluar**, que bastaria para identificar o titular de simpática via pública do Bonfim, de apenas duas quadras, ligando a Governador Pedro de Toledo à Clodomiro Feijera Camargo. Mas a Prefeitura de Campinas, na sua preocupação de dar às ruas nomes completos dos homenageados, denominou-a **Rua Augusto Emílio Zaluar**. Não importa. O que vale é o sentido da homenagem, inscrevendo numa via pública da cidade o nome do jornalista e poeta português (bem melhor jornalista que poeta) que em 1863 publicou valioso livro sobre São Paulo, sempre citado na bibliografia paulista como um dos melhores relatos de viagem à então Província de São Paulo. E é justamente uma reedição desse livro há alguns anos publicada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, que me leva a evocá-lo nesta nota.

Quase oitenta anos ficou a **Peregrinação pela Província de São Paulo** inteiramente ausente das livrarias, pois publicada, como se disse, em 1863, só em 1943 seria reeditada pela antiga Editora Cultura, de São Paulo, integrando a série "Brasilica", onde figurava como volume quarto. Com a falência desta editora, seus livros (inclusive o Zaluar e outros títulos valiosos da mesma coleção) foram vendidos por preço ínfimo pelas calçadas do centro da cidade de São Paulo. Foi onde adquiri vários exemplares, que ofereci a amigos e colegas. E com isto, desapareceu de novo o Zaluar, para só reaparecer dez anos depois, quando Afonso de Taunay planejou a "Biblioteca Histórica Paulista", comemorativa do quarto centenário da cidade de São Paulo e publicada pela Editora Martins, e nessa coleção houve por bem incluir a **Peregrinação** do Zaluar. Esta edição de Taunay foi reimpressa em 1975, em tiragem não vendida, apenas distribuída a bibliotecas. Na mesma época aparecia uma nova edição, pela Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Universidade de São Paulo e reproduzindo fac-similarmente a edição de Taunay, tendo a mais apenas um prefácio de Mário Guimarães Ferri, diretor da coleção "Reconquista do Brasil", da editora mineira, e na qual foi a **Peregrinação** incluída sob nº 23, da série grande formato. É esta a edição no momento disponível, se já não estiver esgotada.

Zaluar, que nasceu em Lisboa em 1825 e faleceu no Rio de Janeiro em 1882 (portanto há um século), esteve em Campinas e o que escreveu sobre nossa cidade é de muita valia, como aliás, o é o que escreveu sobre a antiga Província de São Paulo, na qual observou não apenas os aspectos urbanos, mas, principalmente os aspectos ligados à vida rural, com descrições bem pormenorizadas de nossas antigas fazendas da época áurea do café. É bem significativo que seu nome tenha sido lembrado para batizar uma rua de Campinas. (10-2-1982).

*

70. O TURISMO UTILIZA-SE DE TEODORO SAMPAIO

Em 1893, Teodoro Sampaio, grande engenheiro a quem São Paulo deve admirável folha de serviços, empreendeu, a convite do Barão da Bocaina, uma excursão à Serra da Mantiqueira e a Campos do Jordão, visitando, também, a vizinha São Francisco de Campos. O relatório dessa viagem, juntamente com o de outra realizada à mesma região cinco anos mais tarde, foi publicado em fins do século passado, constituindo verdadeiro modelo de descrição geográfica. A Editora Brasileira reeditou-o há pouco, com prefácio de Alves da Mota Sobrinho. Nesse relatório, Teodoro Sampaio reivindica para a região de Campos de Jordão a sede da Capital Federal que, nos termos da então recente Constituição de 1891, deveria transferir-se oportunamente para o Planalto Central do Brasil. Este “oportunamente”, como todos sabem, custou muito a chegar, pois só em 1960, com a inauguração de Brasília, veio a efetivar-se.

A certa altura de seu relatório (pág. 41 da nova edição), Teodoro Sampaio faz estas perguntas: “Por que não imitamos, ao menos, os bons hábitos, nós, que somos um povo de imitadores? Por que não temos nós as nossas estações de veraneio, as nossas estações de água, as nossas cidades balneárias como as têm povos a quem tão servilmente copiamos, e que, aliás, não foram tão generosamente dotados como nós?” Creio significativo registrar que essa frase calhou à maravilha para o anúncio de uma empresa turística interessada em promover a valorização de São Francisco dos Campos como um novo pólo turístico no Estado de São Paulo. Em torno da residência construída pelo Barão da Bocaina, na qual se hospedou o grande engenheiro, surgiu uma cidade que chegou a ter alguma importância na época em que o café dominava a região. Mas no começo deste século entrou em decadência, até que, em 1969, um filho do Barão, e depois dele outros da família, decidiram-se a fazer reviver o local que Teodoro Sampaio considerava um verdadeiro “paraíso ecológico”.

A frase de Teodoro Sampaio, considerada pelo anúncio um verdadeiro “desabafo”, tendo por objetivo chamar a atenção para o que

nós tínhamos de bom (em vez de só ficarmos a imitar o que os outros tinham de ruim...), acabou servindo para chamar a atenção do leitor comum para a grande figura do baiano ilustre que vinculou seu nome à terra paulista, não só no exercício de sua profissão de engenheiro, mas igualmente como pesquisador de nossa história, sobre a qual escreveu preciosos ensaios ainda há pouco reeditados num belo volume da Editora Vozes, de Petrópolis. E se, um dia, esse novo pólo turístico vingar e tomar-se efetivamente uma de nossas importantes estâncias, muito terá ele devido a Teodoro Sampaio. (17/3/1982)

*

71. RETRATO DE CORPO INTEIRO

Há algum tempo, num questionário de conhecimentos gerais apresentado a uma classe de nível universitário (!), perguntou-se quem havia sido Armando de Sales Oliveira. Por incrível que possa parecer, ninguém soube responder à pergunta. Quem não a deixou em branco, escreveu simplesmente que já tinha ouvido falar nele, mas sem a menor idéia de quem houvesse sido... E, no entanto, santo Deus !, não faz ainda cinquenta anos que esse homem extraordinário teve intensa participação na vida política de São Paulo e do Brasil. Pensava nesta tremenda desmemorização de que sofre nosso pobre País enquanto lia o livro do Professor Pacheco e Silva sobre o grande estadista. Livro que, se dependesse de mim, seria distribuído em todas as escolas do Estado de São Paulo e mesmo do Brasil. Nele, não se encontra apenas o Armando político e administrador que, de 1933 a 1936, dirigiu os destinos de nosso Estado numa das mais fecundas administrações de sua história. Nele se encontra também o engenheiro, o técnico, o planejador que, no exercício de sua profissão, ligou o nome a diversas regiões da terra paulista, bem como o taylorista criador do Idort, base filosófica de sua trajetória política; enfim, um Armando de Sales Oliveira de corpo inteiro, que eu próprio não conhecia integralmente.

Residia em outro Estado quando ocorreu sua nomeação para o Executivo paulista como Interventor do Governo Federal em 1933. Seu sobrenome, obviamente, não me era estranho, pois figurava, inclusive, numa importante cidade do Estado. Sabia-o filho de um grande engenheiro que ligara seu nome a Campinas, a princípio nas obras de saneamento da cidade e depois como um dos diretores da Mogiana. Nome que a cidade fez questão de inscrever numa de suas mais importantes vias públicas. Mas,

do filho nada sabia. Ainda ausente de São Paulo, exultei com o presente de aniversário que ele ofereceu à nossa terra no dia 25 de janeiro de 1934: a criação da Universidade de São Paulo e, com ela, a da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, à qual posteriormente me vinculei, nela realizando toda a minha formação e carreira profissional. Embora avesso à política, dela nunca desejando participar, acompanhei com entusiasmo a trajetória do grande estadista, razão pela qual folguei em encontrar no livro do Professor Pacheco e Silva a transcrição de numerosas páginas de Armando, que bem poderiam figurar num ideário político brasileiro.

Ao enumerar as qualidades necessárias a quem se dispusesse a escrever a biografia de Armando de Sales Oliveira, o autor como que traça seu próprio perfil. Não sei de outro mais em condições de escrevê-la, já que o acompanhou ao longo de sua vida e muito antes de seu aparecimento para a vida pública. Enfim, um grande livro para uma grande vida. (São Paulo, Editora Parma/USP, 1980). (31-3-1982)

*

72. A PROPÓSITO DE TIRADENTES

O fato de ter sido Tiradentes o único dos participantes da Inconfidência Mineira a sofrer a pena capital fez dele não só a figura mais popular de nossa História, mas o próprio símbolo do movimento que em fins do século XVIII eclodiu na Capitania das Minas Gerais, tanto que a data escolhida para celebrar a Inconfidência é a do próprio suplício do mártir. Mais ainda: certa visualização romântica deu-lhe feições messiânicas e barba nazarena (que ele provavelmente não usava) e no consenso popular levou a uma transferência do coletivo para o individual, cabendo ao simpático alferes toda a glória e responsabilidade do movimento mineiro, como se dele ninguém mais participasse.

Quantas cidades do Brasil terão uma rua “da Inconfidência”, como têm uma rua ou praça “da República”, “da Abolição” ou “dos Bandeirantes”? Nestes grandes movimentos prevaleceu o sentido de coletividade, enquanto que a Inconfidência está resumida no Tiradentes, cujo nome batiza ruas em quase todas as cidades do País.

Bauru foi outrora (das cidades de que me lembro) a única a ter uma rua “da Inconfidência”. Mas bastou que falecesse um cidadão ilustre da cidade, advogado renomado, para que a Prefeitura, querendo homenageá-lo desse o seu nome à mesma rua “da Inconfidência”, apagando assim com uma penada a homenagem inicialmente tributada coletivamente aos heróicos mineiros do século XVIII. É certo que São Paulo possui uma Praça “dos Inconfidentes”, mas tão minúscula que mal aparece nas plantas.

A propósito do 21 de abril, convém lembrar que a data chegou a ser suprimida como feriado nacional, logo após a Revolução de 1930, quando o Governo Provisório que se apossou do País, entendendo que havia feriados em demasia (e havia mesmo), eliminou a metade deles. Mas os mineiros não se conformaram e conseguiram a volta do feriado, que deixou de ser comemorado por uns dois ou três anos apenas. Vivia na ocasião em importante cidade mineira e embora fosse ainda menino de ginásio, botei minha assinatura numa das muitas listas pleiteando a volta do 21 de abril como feriado nacional. O mesmo foi também pleiteado pelas associações de homens de cor, com relação ao 13 de maio, mas até agora nada conseguiram.

Alguns historiadores mineiros estão querendo rever a imagem do Tiradentes, apresentando-o sem barba, numa figura talvez mais condizente com a verdade histórica. Mas, qual o brasileiro que não se habituou desde menino com a imagem corrente do glorioso herói e mártir ? Valerá a pena tentar substituí-la ? Especialmente quando se considera que há coisas bem mais importantes a serem pesquisadas na própria Inconfidência. Campinas não esqueceu o Tiradentes. Uma extensa e importante rua de nossa cidade o relembra. (21/4/1982).

*

D O A Ç Ã O	
Por:	_____
Em:	26/11/82